# INTRODUÇÃO

O objetivo deste livro é narrar a História de Portugal através dos confrontos que o nosso país enfrentou ao longo dos séculos contra variados inimigos e, sobretudo, dar a entender como soubemos superar quer as agruras das derrotas, quer os desafios das vitórias.

Saliente-se que esses confrontos não se desenrolaram apenas em território nacional, antes se alargaram por todos os continentes: Europa, Ásia, África, América e Oceânia. Estas históricas pelejas por todo o mundo parecem-nos justificar o título deste livro, um título que, assumimos, poderá causar alguma estranheza.

De facto, lutámos em toda a parte, contra muitos e variados inimigos. Atente-se, porém, que com este *As guerras de Portugal* não quisemos dizer que somos uma nação belicista e militarista, que, ao longo dos séculos, se afirmou sempre e só pela guerra, pelo afã conquistador ou pela sanha invasora. Ao longo da sua História, os Portugueses lutaram para se afirmar como nação independente e como povo soberano, o que é, sobretudo, válido para os conflitos que ocorreram em território nacional. É verdade que, amiúde, também invadimos, ocupámos, atacámos. Umas vezes, foram ataques preventivos; outras vezes, foram formas de afirmação político-económica («a guerra é a continuação

da política com outros meios», como dizia Clausewitz); outras vezes, foram, de facto, atos de agressão militar, como sucedeu mais frequentemente durante a expansão imperial.

Assim sendo, do que fala este livro? De conflitos que o nosso país enfrentou ao longo da sua multissecular História. Mas também da nossa superação após cada crise, cada derrota, cada guerra; da nossa resistência em tempos difíceis e de como, nos piores momentos, soubemos sempre perseverar. Enfim, este livro fala da resiliência de um país que nunca foi grande (em tamanho) e que nunca foi rico (em recursos), mas que, contra todas as probabilidades, sempre se soube reerguer.

Assim, analisaremos os conflitos que travámos contra os mais variados inimigos ao longo da nossa História, em seis partes.

A primeira parte intitula-se «Formação» e aborda os primeiros dois séculos da génese de Portugal como nação independente, nas lutas travadas contra os Muçulmanos e os Leoneses/Castelhanos. Período de génese, decerto, que corresponde, no fundo, à primeira meninice de uma nação e do seu povo.

A segunda parte denomina-se «Superação» e trata dos conflitos do século XIV, um século que representou um momento crítico de afirmação da autonomia nacional e do nosso futuro coletivo. Note-se que este foi, para muitos, o verdadeiro e definidor período da afirmação de Portugal enquanto nação independente, já que nos colocou perante uma encruzilhada, a qual soubemos ultrapassar com sucesso.

A terceira parte, que decorre entre os séculos XV e XVI, tem o nome de «Expansão» e aborda, naturalmente, o processo de edificação do Império Português, com o seu inevitável

cortejo de batalhas, de sucessos e de insucessos contra variados inimigos por esse mundo fora

A quarta parte, a que chamámos «Restauração», leva-nos até aos séculos XVII e XVIII, quando, após um período de decadência imperial e de união ibérica, os Portugueses foram capazes de se reerguer, por um lado rompendo com a dinastia dos Habsburgos – que governaram Espanha de 1516 (Carlos I), a 1700 (Carlos II) –, e por outro retomando partes significativas do Império.

A quinta parte designa-se como «Refundação» e analisa os conflitos que enfrentámos ao longo dos séculos XIX e XX, período marcado por um novo posicionamento no xadrez internacional, que acentuou o nosso alinhamento com Londres. Cônscios dessa dependência, os Portugueses almejaram uma «Refundação» que restaurasse as glórias passadas, como foi patente na corrida colonial de finais do século XIX ou nos mitos refundadores da República (mais tarde retomados pela ditadura).

Por fim, numa sexta parte («Os Portugueses em luta contra si mesmos), quisemos trazer uma outra visão sobre as nossas guerras. Uma visão que nos remete para as lutas que travámos contra nós mesmos, através das guerras civis que sofremos. É um capítulo diferente – mais diacrónico que sincrónico –, mas que julgamos necessário, pois urge nunca olvidar que as tensões e os ódios acumulados, se mal resolvidos, podem degenerar em trágicas lutas fratricidas.

Decidimos ainda incluir, em cada período, uma ou duas batalhas paradigmáticas e/ou mais decisivas que tivemos.

Realce-se que todas as histórias nacionais têm lados sombrios e lados luminosos, não sendo Portugal uma exceção. Na guerra e/ou numa saga imperial, a glória e o opróbrio

caminham sempre de mãos dadas. Nunca fomos – e não somos – nem anjos, nem demónios. Pela nossa parte, acreditamos que um povo só será totalmente adulto e maduro quando abraçar ambas as vertentes (sombra e luz) da sua História sem descontextualizações enganadoras, sem arrogâncias tolas e sem vergonhas despropositadas. Enfim, sem complexos…

No final, uma breve reflexão servirá de conclusão a este livro. Uma reflexão que visa, sem jactâncias tolas nem didatismos deslocados, divagar sobre o que nos ficou desses confrontos e desses «inimigos». Mais do que isso, essa conclusão será uma breve e despretensiosa reflexão sobre o que, em termos gerais, nos fica das guerras, em comparação com o que a paz nos dá.

Salientamos, como sempre fazemos, que este é um livro de divulgação histórica, destinado sobretudo ao grande público. Por isso, decidimos abdicar de alguns aspetos formais que são basilares num livro mais «académico»: notas de rodapé ou de fim; índice remissivo; uma bibliografia mais extensa e mais desenvolvida. Por tal, e dentro desta lógica, o tom que usámos na narração é coloquial e informal. Contudo, nunca abdicámos do rigor em que deve assentar qualquer livro de cariz histórico, seja qual for o público a que se destina. Assim sendo, o que aqui narramos está sempre sustentado ora na bibliografia arrolada no final, ora em alguma investigação própria.

De resto, enfatizamos que, se o caro leitor quiser reforçar os seus conhecimentos sobre este tema, tem ao seu dispor, no fim, a tal bibliografia que lhe abrirá pistas para aumentar a sua vontade de ir mais longe. A este propósito, que me seja permitida uma singela homenagem aos historiadores que há muito têm vindo a dedicar-se ao estudo da nossa História, e de que os autores dessas obras são um exemplo.

Por fim, os meus agradecimentos à editora Clube do Autor – a quem devo o desafio e a proposta para escrever este livro –, aos meus amigos e à minha família pelo carinho e apoio de sempre.